

**A INTELLECTUALIDADE DO OLHAR XAMÂNICO DE KURIANO YAI: MEMÓRIAS
DE UMA SABEDORIA TUKANO**

**THE INTELLECTUALITY OF THE SHAMANIC GAZE OF KURIANO YAI:
MEMORIES OF TUKANO WISDOM**

Jussara Garcez Barreto¹

Rivelino Rezende Barreto²

Resumo: O presente artigo aborda as memórias da sabedoria tukano de Mandu Kuriano, detentor das faculdades excepcionais tukano, enquanto *yai*, *kumu* e *baya*. Mandu Kuriano é pai do kumu Luciano Barreto e avô do intelectual indígena tukano, antropólogo Rivelino Barreto. Apresenta-se o conteúdo de um diálogo sobre as memórias do neto sobre o avô Kuriano Yai com quem teve convivência na infância, na Aldeia São Domingos Sávio, em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas A partir disto, o texto passa a destacar que para compreender a epistemologia tukano, é necessário ouvir os intelectuais indígenas, que envolvem os especialistas das faculdades excepcionais tukano, que através do triângulo formado pelo *kerti ukusse*, *barsse* e *barsamori*, apresentam a cosmologia tukano e amplificam infinitas narrativas vivenciados nestes dois universos, o físico e o metafísico.

Palavras-Chave: Memórias; saberes; intelectualidade indígena; Kuriano Yai; *kerti ukusse*.

Abstract: This article addresses the memories of Tukano wisdom of Mandu Kuriano, who possesses exceptional Tukano faculties as a *yai*, *kumu*, and *baya*. Mandu Kuriano is the father of kumu Luciano Barreto and the grandfather of the indigenous Tukano intellectual, anthropologist Rivelino Barreto. The content presents a dialogue about the grandson's memories of his grandfather Kuriano Yai, with whom he spent time during

¹ Aluna especial do componente curricular Intelectuais Indígenas do Alto Rio Negro/AM do Programa do Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade do Estado do Amazonas – PPGDE-UEA. E-mail: jgb.edc22@uea.edu.br.

² Natural de São Gabriel da Cachoeira/AM, indígena do povo Tukano, sib Yúpuri Sararó Buubera Põra. Licenciado em Filosofia - FSDB (2008) e doutorado (PPGAS/UFSC - 2019) em Antropologia Social. Desde 2020 é professor celetista pela Secretaria de Estado de Educação - SEDUC-AM.

his childhood in São Domingos Sávio Village, in São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. From this, the text highlights that to understand Tukano epistemology, it is necessary to listen to indigenous intellectuals, who involve specialists with exceptional Tukano faculties. Through the triangle formed by *kerti ukusse*, *barsse*, and *barsamori*, they present Tukano cosmology and amplify the infinite narratives experienced in these two universes, the physical and the metaphysical.

Keywords: Memories; knowledge; indigenous intellectuality; Kuriano Yai; *kerti ukusse*.

Introdução

Quando comecei a esboçar as primeiras linhas que levassem a uma apresentação de conteúdo em forma de texto, procurei, a princípio, direcionar o meu entendimento acerca do que eu queria e deveria escrever, pois, embora que existissem inúmeras possibilidades para isso, havia também grandes desafios para elaboração da temática e seu respectivo desenvolvimento em texto.

Assim, tendo acompanhado as aulas da disciplina Intelectuais Indígenas do Alto Rio Negro/AM, entendi que deveria trabalhar em cima de um tema que me permitissem ter uma continuidade entre o que foi discutido em sala de aula com o tema do meu projeto de pesquisa na área de mestrado em educação. É a partir disso que me esforço para apresentar o artigo em duas partes, sendo a primeira com apresentação sobre a potencialidade dos detentores do conhecimento tukano, e a segunda parte envolve a apresentação de um diálogo que fiz com o Doutor Rivelino Barreto, da etnia Tukano, sobre seu avô Kuriano Yai.

Os dois tópicos do artigo têm seus limites, porém, entendo que esse esforço vale muito para o melhor entendimento sobre a epistemologia indígena a partir dos intelectuais indígenas.

1. A potencialidade dos detentores do conhecimento tukano

Em prática, o processo de formação dos detentores do conhecimento tukano consiste em uma construção social no qual se traduz determinados conhecimentos acumulados pela humanidade e da valorização de práticas tradicionais, para o qual são fundamentais o envolvimento da comunidade, o uso das línguas nativas e o processo de desenvolvimento do homem e da mulher, e dos seus antepassados, os quais lhe educaram mostrando, vivendo e falando sobre o *kerti ukusse*, como forma de ensino-aprendizagem. Por isso é que,

a formação clássica dos especialistas *Yepamahsã* – *yai*, *kumu*, *baya*-, a exemplo de outros grupos indígenas amazônicos, passa, antes de qualquer coisa, pelo investimento do corpo: o aprendiz é antes submetido à limpeza estomacal com a ingestão de plantas eméticas, ao uso do *kahpi* (*ayahuasca*) e *wiõ* (rapé de paricá) para os primeiros contatos com as entidades *waimahsã*, a inspiração de pimenta para limpeza corporal, o isolamento da vida social etc. (Barreto, 2018, pg. 168)

Nesse sentido, a descrição básica da educação indígena tukano consiste em um processo educativo informal, assistemático, que por muitas vezes é transmitido oralmente pela rotina diária, que tenha o valor da ação e que apresente um processo permanente durante toda a vida. No caso, esses especialistas tukano, “são os pilares de uma comunidade, possuindo, cada um, o poder do diálogo fraternal e da harmonia da vida social” (MAIA, 2018, pg. 21). Além disso, para compreender este processo de ensino-aprendizagem numa comunidade indígena tukano, seria necessário conhecer e se aprofundar no sistema sociocultural, da primeira infância até a sua velhice. O mais, esta prática começa nos hábitos motores até na sua autorrealização pessoal. Isso, porque,

os novos tempos e os novos desafios para a antropologia na região surgem da necessidade de criar maior sintonia de linguagem em relação ao que os próprios indígenas pensam sobre si mesmos, para pôr em questão os conceitos tukano que remetem, a partir de nossos termos, ao que a antropologia ou os antropólogos chamaram de tribos, etnias, sibs, grupos exogâmicos, mito, cosmologia, cosmogonia. De modo que, para melhor compreensão sobre o sistema de organização indígena do noroeste amazônico, é de certa maneira necessário realizar um processo de desfazimento das teorias antropológicas, para que se permita um entendimento dos próprios termos utilizados pelos indígenas na descrição de sua estrutura social e organizacional (Barreto, 2022, pg. 38).

A potência do conhecimento tukano também tem como foco principal o dia a dia da comunidade coletiva e também, de acordo com a divisão de sexo e da sua faixa etária, especificando a tarefa do homem e da mulher, a formação dos seus filhos, em adquirir habilidades como pesca, roça, o uso e a produção de instrumentos dos seus trabalhos. A participação dos indígenas nas festas tradicionais e na convivência interétnica enquanto membros de outras etnias se deslocam para participar de eventos na comunidade, onde derivam diálogos partilhados e é precisamente um dos momentos de interação em que todos são partícipes; os rituais, as danças, os cantos o toque do carriço são uma das formas de se viver em prática de uma educação indígena através da ação comunitária de acordo com a sua linguagem simbólica. Nas palavras do autor Rivelino, em referência a *nissétisse*,

quando falamos do processo de desenvolvimento de *nissétisse*, estamos falando de nossos costumes, de nossos modos de ser, trabalhar e organizar, de nossos sistemas de casamento, educação e formação. Se temos *nissétisse* é porque fomos ganhando e chegando a diferentes graus de desenvolvimento. Nesse sentido, o processo de transformação tukano passou por várias fases, mas sem perder o princípio regido pela tradição. A *nissétisse* tukano é milenar, como qualquer outra *mahsã nissétisse* (cultura indígena); seus costumes foram sendo desenvolvidos, praticados, ensinados, vivenciados por diferentes gerações. Cada geração colocou em prática o que a tradição ensina, cada geração Tukano contextualizou a tradição tukano para sua realidade, cada geração preservou a dinâmica da *nissétisse* tukano em sintonia com a prática de *úkÿsse*, e assim a prática de *úkÿsse* se revela na dinâmica da *nissétisse* tukano (Barreto, 2022, pg.39-40).

A partir da citação acima, o autor descreve que o processo de desenvolvimento de *nissétisse*,³ a formação indígena tukano, tem como base um suporte mais marcado nos valores, na identidade e no próprio convívio com a natureza, que envolve as relações sociais no cotidiano da aldeia, e na pedagogia da oralidade passada por várias gerações, que está imersa nesses dois universos, o físico e o metafísico.

Para compreendemos a epistemologia tukano, o triângulo formado pelo *kertí - úküsse*,⁴ *barssessé*,⁵ e *barsamõri*,⁶ é essencial para a cosmologia e a cosmogonia tukano, pois isto possibilita conhecer as narrativas das teorias tukano, uma vez que, os detentores do conhecimento das faculdades excepcionais tukano (BARRETO, 2022), *kumu*,⁷ *yai*⁸ e *baya*,⁹ se conectam com o universo metafísico e com os seus ancestrais. Sobre isso, no livro *Ômero* (2018), *barssessé* é definido como um

repertório de palavras, expressões e discursos que possibilitam tanto a comunicação de um conhecedor especialista (*kumu*, *yai*, *baya*) com os *waimahsã*, como a capacidade de proteção ou agressão, e ainda de invocar elementos curativos, contidos nos diferentes tipos de vegetal, animal, mineral, objeto e outros, com vista à “asepsia” dos alimentos. A arte de domínio dos velhos conhecedores, traduzida literalmente pelo termo cristão “benzimento”, o conteúdo cosmológico do *bahsese* vai muito além, remetendo-nos ao plano de imanência conceitual tukano (Barreto, 2018, pg. 19).

Interessante pensar nesta questão, que envolve os agentes do processo educativo, que se apresentam como *yaí*, *kumu* e *baya*, em que tudo envolve homens e mulheres que já têm uma longa vivência de vida. Em outras palavras, mesmo que um adulto na comunidade não tenha conhecimento referente a tais níveis hierárquicos ligado a um *yaí*, *kumu* e *bayá*, o mesmo vai ter suas características educacionais específicas ligados à sua tradição cultural, seja isto para homem seja isto para a mulher.

Isso permite entender que *barssessé* envolve não somente o homem, mas também a presença da mulher. Vale ressaltar que, no caso da mulher/esposa, seguindo as orientações do sistema patrilinear e do sistema exogâmico, que no âmbito do contexto cultural do Alto Rio Negro vai ser de um grupo étnico diferente em relação à do esposo, ou seja, um Tukano não pode casar com uma mulher Tukano, e essa medida faz com que busque uma mulher de outra etnia (*Tuyuka*, *Desana*...); gerando assim o formato da exogamia linguística. Geralmente, a mulher com sua tarefa de mãe e esposa, tem a responsabilidade de ensinar a filha as técnicas da roça no plantio e limpeza, seleção de maniva e produção de beiju, mingau e *quinhapira* (pimenta, água e sal), entre outros ensinamentos; isso para que na medida em que vão crescendo possam começar a convidar a mãe ou os irmãos para o trabalho. O

³ No dicionário tukano do livro do autor Rivelino Barreto (2022), *nissétisse* é apresentado como forma de ser e viver, cultura.

⁴ Contar histórias”, segundo Rivelino Barreto (2022).

⁵ “Fórmulas de benzimento”, segundo Rivelino Barreto (2022).

⁶ “Fórmulas da arte musical”, segundo Rivelino Barreto (2022).

⁷ “Benzedor, curador, pensador”, segundo Rivelino Barreto (2022).

⁸ “Xamã”, segundo Rivelino Barreto (2022).

⁹ “Músico, artista”, segundo Rivelino Barreto (2022).

aprendizado, nesse sentido, ocorre pela observação e convivência no cotidiano. Isso porque, o sistema de casamento exogâmico na região é indiscutível (Lasmar, 2005). Assim, esse limite não faz com que as pessoas não se sintam inferiores aos demais detentores das faculdades excepcionais numa aldeia tukano.

No nosso entendimento, os kumu (benzedores), são conhecedores em seus diversos sentidos da vida social tukano, seus conhecimentos estão voltados para a organização social de uma aldeia, de uma localidade, de uma família. Os kumu, são educadores das epistemologias tukano, que vão transmitindo para as novas gerações com suas orientações e conselhos sobre vários assuntos, inclusive com os benzimentos que mostram a linguagem mítica colocada na explicação do sobrenatural e mística, quando são manifestadas na cura de uma doença; assim como interpretando sonhos. A estes formadores de educação cabe transmitir os conhecimentos sobre a origem da vida, da história de seus antepassados, sendo assim uma forma de ensino aprendizagem para os membros da comunidade que convivem com esses educadores, os kumu.

Falando a respeito disso, enquanto pesquisador indígena, sobre os desafios de fazer pesquisa, Rivelino diz que,

desse ponto de vista, pensar questões sobre “o que é nosso” requer atenção, uma vez que “o que é nosso” é também estranho, possui distanciamento pontual – isto é, entre aprender a construir um banco e aprender a ser kumu, entre aprender a pescar e aprender a ser yai, entre aprender a fazer remo e aprender a ser baya, tem uma proximidade e um distanciamento. Em outras palavras, aprender a fazer banco, aprender a pescar, aprender a fazer remo é uma possibilidade que praticamente está ao alcance de todos, desde que se tenha afinidade, mas aprender a ser kumu, aprender a ser yai, aprender a ser baya está distante para muitos e muito próximo para outros (Barreto, 2022, pg. 68).

Isso envolve, hoje, a nova escola de antropologia na Amazônia, com a presença de indígenas em universidades com a produção e apresentação das teorias e conceitos indígenas em formato escrito e sistematizado. Para isso, percebe-se a necessidade de um diálogo entre indígenas e universidades, num processo contínuo também de uma decolonização. Ou seja, é necessário que a universidade brasileira assuma suas teorias indígenas ao invés de utilizar o conhecimento indígena em diversas disciplinas essenciais sem dar crédito.

2. Memórias educativas de um avô: o tukano Kuriano Yai

Quando estava fazendo leituras dos materiais indicados pelo professor do componente curricular Intelectuais Indígenas do Alto Rio Negro/AM, deparei-me com a seguinte passagem escrita pelo tukano Rivelino Barreto, no seu livro *Úkusse*:

as cerimônias e os rituais de khapí, conforme o kumu Luciano Barreto, eram exclusivamente dos Yúpuri Sararó Buubera Põra, uma vez que, através desses ritos, tivemos acesso aos nossos ancestrais, como Amô Pirodiho, Yúpuri, Inspeturo, Seribhy, Komeyai, Buú, Dóe, Yarka yai, Joanico e Kuriano. A

presença da energia espiritual dos nossos ancestrais era o mais importante, já que essa dinâmica permitia que nós alcançássemos nossos conhecimentos, isso envolvendo barssessé, bayásse, yayásse (benzimentos, música, xamanismo). Portanto, não era apenas para atingir uma visão intelectual, mas sim para acessar uma razão intelectual tukano (Barreto, 2022, pg.59-60).

Essa passagem me chamou atenção sobre o acesso aos ancestrais, especificamente porque o tema também tem ligação com a minha linha de pesquisa no mestrado em educação. Foi a partir dessa passagem que quis buscar maior aprofundamento, ou seja, queria saber mais sobre isso, além do que o próprio Rivelino tinha escrito em seu livro.

Quando questionado sobre a ideia, o Rivelino se limitou a dizer que eu poderia encontrar maiores informações no livro, mas eu não me dei por satisfeita. Lembro que, eu e o Rivelino, somos casados há 13 (treze) anos, e temos hoje quatro filhos, sendo dois meninos e duas meninas, e por isso essa familiaridade não me é estranha também para buscar essa abertura com ele, aliás, de certo modo costumamos compartilhar no dia a dia conversas sobre vários temas envolvendo as questões indígenas, uma vez que isso tudo envolve nossas formações acadêmicas e atuações profissionais em sala de aula ou na academia.

Passado algum tempo, especificamente pensando na entrega do meu trabalho, voltei a insistir com o Rivelino com uma nova proposta para além do que ele tinha escrito no livro, mas que desta vez a ideia era ele falar do seu avô Kuriano Yai. Ele ficou muito feliz com a proposta, pois parecia que aquilo havia lhe chamado atenção ou fez com que se dispusesse a falar do seu avô, com quem teve convivência na infância enquanto este ainda estava vivo na aldeia São Domingos Sávio, alto rio Tiquié, Distrito de Pari-Cachoeira, município de São Gabriel da Cachoeira/AM.

Assim, passo a compartilhar aqui o diálogo que tive no decorrer de uma semana, sempre procurando acompanhar a disponibilidade dele devido aos compromissos profissionais enquanto professor nas escolas da SEDUC (Secretaria de Educação do Estado) em Manaus. O diálogo foi transcrito em 3 partes (a, b e c). Por fim, apresento as considerações finais.

a) Conforme o combinado gostaria que você apresentasse quem foi o seu avô Kuriano Yai.

Kuriano Yai, ele vem da seguinte linhagem, o primeiro ancestral dele é o Yúpuri que teve dois filhos, a filha mais velha dele se chamou Amõ Pirodhio e o irmão dela também se chamou Yúpuri. Era muito natural, tradicionalmente, o filho seguir com o nome do pai, este filho Yúpuri, é que veio da região do rio Papuri, especificamente do Rio Turi para o Rio Tiquie, e lá nasceu o Búu, que teve dois filhos, Doé, que é o filho mais velho, e Yaká Yai, o filho mais novo. Kuriano Yai é filho de Doé, e o irmão mais velho dele se chamava Joanico Yúpuri, então meu avô Kuriano Yai era desta linhagem e pertencente ao grupo tukano Yúpuri Sararó Buubera Porã. Não tenho precisamente conhecimento do ano que ele nasceu, mas ele certamente tenha nascido no final de

1800, porque em 1914 foi quando o salesiano, Padre João Balzola, chegou na região, na aldeia São Domingos e ele lembrava dele muito bem, então estima-se que ele tenha nascido neste ano que falei, ou no início de 1900. Ele se formou na escola tradicional da educação tukano, assim como era típico na época, então pra você se tornar um yai, um kumu ou um baya, você já nascia preparado de certa forma, desde a sua formação no ventre materno, através dos barssessé. Então Kuriano Yai também foi preparado pelo seu pai e pelo seu avô, pra se tornar este especialista. Porém Kuriano Yai, depois que se formou, passou a dominar as três especialidades, ele passou a ser conhecido como yai, mas ele era kumu, e ao mesmo tempo baya da aldeia São Domingos Sávio. Toda a formação dele a princípio foi de heriporã barssessé, e o seu nome de benzimento era Yeparã. Além disso, ele também foi iniciado com o hiõ, que é o pariká, depois disso, o mesmo passou por várias formações como o consumo de karpí. Mas dentre os membros do grupo, do qual ele fez parte da formação, nem todos se tornaram especialistas, e toda a formação que ele passou a ter, fez com que ele tivesse duas espécies de vidro nos seus olhos. Eu cheguei a conhecer o meu avô, e ele veio a falecer com 81 a 82 anos de idade, então ele era uma pessoa alta, forte e carregava consigo uma sacola de pedras que eram conhecidos como wamõ, são pedras que tem poderes, mas também o wamõ dele estavam no seu próprio corpo, então estes dois vidros, que eram muito parecidos com espelhos que estavam nos seus olhos, eram wamõ. Então ele era um yai, que é traduzido pela ciência como pajé, tinha a capacidade de ver as doenças de forma física, ou seja, os olhos do meu avô, permitiam enxergar que tipo de doença aquela pessoa tinha. Meu pai Kumu Luciano me contava que, quando meu avô olhava para o corpo da pessoa, ele tinha uma visão ultrassonográfica, ou seja, uma imagem que permitia visualizar o coração batendo e todos os órgãos em tempo real, e assim permitiam diagnosticar e curar as doenças. Vovô Kuriano Yai era capaz de olhar para as pessoas e ver fisicamente, mas ele também não olhava por questões éticas e morais, porque ele não podia olhar muito tempo, mas ela era conduzida, ou seja, você não olha com aquela capacidade, só para dizer que vou olhar aquela pessoa por acaso, mas ela é conduzida para uma finalidade. Por exemplo, se a pessoa fosse ao encontro do Kuriano Yai, ela descrevia o problema de saúde, então o mesmo direcionava esta capacidade que ele tinha, somente para isso, isto quer dizer que não era qualquer momento que o mesmo fazia isto. Era como se fosse ligar a tomada para conectar-se com a energia, pois você liga para uma finalidade, e ela funciona para aquilo. Então esta especialidade do Kuriano Yai era assim também. Para o vovô era necessário ter cuidado com isso, pois você pode não ajudar a pessoa que te procura, pois toda experiência tem uma ética, pois para ele, em tudo que for praticado com a sua sabedoria tem que ter cuidado total. Kuriano foi um Yai, que tinha o dom dessa prática que não exigia muito esforço para ele vivenciar esta especialidade. Uma vez ele foi caçar a noite, era três horas da madrugada. Ele foi pernoitar próximo ao bebedouro das antas, quando ele chegou lá, aos olhos dele desceu uma mulher, com cabelos longos e pretos, com a sua panela; aos olhos dele, ela veio buscar água no porto, só que aos olhos de quem não era Yai, era uma anta, e ela começa a chamar atenção dele, a atraí-lo, só que se ele não atirasse nela, ela estava levando ele com ela. Então ele atira e a mata, e em seguida voltou para aldeia e avisou seus filhos e seus sobrinhos que tinha matado uma anta. Seus filhos, netos e sobrinhos é que foram buscar a anta, cuidaram e fizeram a partilha entre todos. Eles, o Kuriano e seu primo

Ponciano, costumavam seguir regras rígidas, comiam sim a carne, mas não em grandes quantidades, o que eles mais apreciavam era o peixe, aliás, os Tukano na verdade apreciam mais é o peixe, caça eles comem também, mas não é uma dedicação exclusiva. É importante ressaltar que, quando os Yai Kuriano e Ponciano comiam carne, eles comiam naturalmente ou normalmente como carne, não havia interpretação de que estivessem comendo carne de gente. Além disso, Kuriano Yai, não compartilhava tudo em público, pois os momentos de partilhas de suas experiências de Yai aconteciam com seus filhos, quando estavam recolhidos em sua casa, a noite em momento mais reservado com seus filhos e netos. Então, é assim que lembro do meu avô Kuriano Yai. Eu ia pescar com o meu avô, ele me levava para pescar no rio, cuidava bem de mim, não exigia muita coisa de mim durante a pescaria, ele só queria minha presença em sua companhia. (Rivelino Barreto, Manaus, 21 de janeiro de 2023).

b) Como foi o processo de formação dele para se tornar um yai.

No processo de formação do vovô Kuriano Yai, teve toda uma estrutura, pois não basta você querer ser yai, kumu ou bayá. Para os tukanos, ela [a formação] exige barssessé, que vem desde criança. Ela também exige cuidado corporal, então são cuidados que envolvem o cotidiano da pessoa. Por exemplo, toda criança tukano, seja menino ou menina, eles são preparados através do barssessé para se tornarem um especialista, mas nem todos conseguem se tornar aquilo que foram preparados. Então o cuidado, a preparação, a formação continuada, ela é importante neste processo, e foi isso que Kuriano Yai começou a viver. Para o yai, kumu e o bayá, a língua tem um fundamento voltado para a efetivação do barssessé, da música, e da prática do yai, e isto exige a força da sua linguagem, da sua especialidade. Por exemplo, meu avô ensinou a geração seguinte, e ele exigia que os homens tomassem banho antes das mulheres. As mulheres tomavam banho às cinco da manhã e os homens tomavam banho às quatro, porque ele tinha muito respeito pelo corpo da mulher. Então, para o Kuriano Yai, o corpo da mulher tinha uma força tremenda, que o homem precisa ter cuidado no sentido de qualificar a sua especialidade. Então pra ele, quando a mulher toma banho antes do homem, era preciso que todos compreendessem pela necessidade dos homens estarem atentos a isso por questões de formação e especialidade, ou seja, que ele, o homem, precisava tomar banho na água intocada. Isto para o meu avô era o sentido do sagrado que ele tinha. Então na educação tukano, o cuidado com corpo foi muito prestigiado por ele, pois toda manhã o Kuriano yai fazia purificação do seu corpo. O mesmo vomitava e limpava o seu corpo com água. Tomava mingau esfriado, comia comida esfriada, evitava carne assada, comia somente carne cozida, em poucas porções, e comia muito mais peixe do que carne. Assim como também, quando a mulher tivesse no período da menstruação, que poderiam ser suas filhas, suas noras, ele evitava comer alimentos preparadas por elas, mas aí entrava em ação a minha avó Luiza Borges (etnia Tuyuca), que cuidava e preparava a sua comida. Então esses são os modelos de cuidado corporal, preparados e estabelecidos pelo Kuriano Yai, justamente porque ele também se preservava, e preservava a força de sua especialidade como yai, como kumu e como baya. Aqui temos um modelo de educação que ele passou a ensinar aos seus irmãos

de geração seguinte. Ele falava para o meu pai, que durante as noites, ele fazia viagens durante os seus sonhos, pois quando ele dormia, praticamente ele passava para outro universo, e quando ele chegava neste outro universo, Kuriano Yai se encontrava com outros yai, que poderiam ser tukanos ou não. E ele descrevia que esses lugares, as montanhas, eram casas, e nesses sonhos haviam conflitos e muitos yai morriam dormindo, porque eles eram atacados no sonho. Se o yai não soubesse se proteger, ele morria, que para os brancos seria morrer dormindo. E neste universo metafísico, que eles aprendiam todas as práticas de benzimento, e quem conta isso é o meu pai Kumu Luciano, que por várias vezes o acompanhou através do sonho e em companhia de seu próprio pai no sonho. Eles chegavam em uma casa, e neste local tinha um salão e começavam a dança em círculo, o yai que tinha inveja ou que tinha conflito com o outro, naquele momento eram empurrados para dentro de um quarto e aí eram trancados, então o yai que não sabia se proteger ia ficar lá trancado, e muitos yai transformavam outros yai em mulheres ou em animais. Vovô Kuriano dizia que quando os yai eram trancados, eles morriam no mundo físico, enquanto no metafísico estavam vivos, transformados ou não em mulheres ou animais, continuavam como pessoas. E o Kumu Luciano me dizia sempre que o meu avô o orientava que quando ele estivesse neste universo metafísico, quando fosse trancado por um yai, primeiro teria que tomar coragem, criar forças e sair daquela situação, utilizando a estratégia em que era preciso colocar o seu próprio dedo na boca, e esse dedo se transformava em cigarro, e esse cigarro fazia com que fosse efetivado a fórmula de barssessé para se livrar daquele lugar. E assim o meu avô ensinava o meu pai Kumu Luciano as fórmulas de barssessé, proteção e experiências no mundo metafísico através dos sonhos noturnos. (Rivelino Barreto, Manaus, 23 de janeiro de 2023).

c) Sobre o tripé de domínio das faculdades excepcionais tukano de Kuriano Yai.

A especialidade maior de Kuriano era ser yai, mas pra ele não havia esta distinção, se ele era maior enquanto yai, se era maior enquanto baya, se era maior enquanto kumu, porque ele tinha o nível de domínio muito alto nas três especialidades. E isto fez com que, assim como outros também na região, ele ficasse muito reconhecido por essas três especialidades, que eram mais almejadas na educação tukano. Essas especialidades, ele passou a ensinar para a geração seguinte, de seus filhos, dos seus irmãos, dos seus primos... Então isso acontecia quando Kuriano Yai, acompanhado de seu primo Ponciano Yai, iam a uma maloca que eles tinham, barsariwi, assim também eles tinham uma pequena casa fora da maloca que era utilizada para rito de iniciação dos meninos, e nesta casa que ele transmitia todo o modelo de sua formação como yai, kumu e baya, junto com o seu primo Ponciano Yai. Havia uma regra tradicional, onde a partir dos 11 anos, os meninos eram recolhidos nesta casa, onde eles faziam a iniciação. Por isso para os tukanos, o rito de passagem era longo, ele durava um ano, justamente em vista desta preparação, para que criança tukano se tornasse efetivamente um yai, um kumu ou um baya, ou nenhuma das três especialidades. O produto que ele usava no período de iniciação, era o pariká, então a partir disto ele começava a acompanhar as crianças, e havia a presença feminina com o Kuriano Yai e o Ponciano Yai, que eram somente duas mulheres. Essas duas

mulheres, é que cuidavam da alimentação destes meninos em iniciação, e elas eram co-formadoras junto com o Kuriano e Ponciano. Então a formação tukano não é só de responsabilidade do homem, mas também, até muito maior da mulher, pois é ela que passa a entender a estratégia do cuidado e do acompanhamento dos meninos. A partir disto, meu avô escolhia as mulheres, pois pela regra do benzimento, havia um período fixo que a menina menstruava, não é como hoje em dia que a menstruação vem mais cedo ou mais tarde, para elas a menstruação vinha aos 14 anos. Então a primeira menina escolhida era aquela, que não tinha ainda menstruado, e a outra mulher era aquela que estava no período da menopausa. Então nesta escola do Kuriano tinham quatro educadores, sendo ele o dirigente. A partir do momento que eles entravam neste rito de passagem, meu avô mostrava todas as habilidades para se tornarem especialistas. Então tudo que era vivenciando na aldeia, como, tomar banho cedo todos os dias, vomitar todos os dias, passear na floresta, eram os ensinamentos que eram repassados, e os meninos não podiam voltar para casa dos pais, se quisessem se tornar um especialista das faculdades excepcionais tukano. Entretanto, o kumu Luciano, no caso meu pai, costuma contar que os meninos de onze e doze anos, quando viam seus pais, choravam querendo ir com eles, mas tudo era pertinho, pois estes pais levavam os alimentos, e o que precisassem para este momento de iniciação. Mas, os pais também estavam conscientes desta iniciação, então não havia uma desistência. Havia uma regra para tudo. Por exemplo, na hora da alimentação, todos comiam juntos. Quando iam comer maniwara, kuriano Yai não permitia que os seus educandos pegassem em grandes porções, ele deixava que os iniciantes pegassem o alimento de forma controlada, para que o educando se educasse com aquele ritmo. E ele não cobrava diretamente os meninos, ele cobrava também as mulheres que eram corresponsáveis por eles, e elas relatavam o seu dia a dia para o meu avô. Os meninos ali, não estavam somente aprendendo as práticas de barssessé, mas também, começavam a aprender a produzir artesanatos. Então toda manhã os iniciantes desciam no porto, pois havia um porto especialmente pra eles, e lá eles tomavam banho às quatro da manhã, e depois disso eles saíam, e ficavam atentos na demonstração de mergulho que o Kuriano Yai fazia. O mesmo mergulhava no rio, sumia, e depois aparecia com alguma pedra na mão. E depois meu avô dizia para os iniciantes fazerem o mesmo. Lá acontecia a descoberta destas especialidades, pois o que os meninos encontravam no fundo do rio, eles mostravam para o Kuriano Yai, e isto significava que estas pedras eram o wamõ deles. Alguns achavam pedras bonitas, bem cristalinas, e essas pedras eram trazidas do universo metafísico que o meu avô trazia e deixava no fundo do rio, entretanto mesmo com estes wamõ no fundo do rio, isso não queria dizer que todos que mergulhassem iam trazer consigo uma pedra, por isso, esta prática se chamava a descoberta das suas especialidades. Por exemplo, se um iniciante mergulhasse e encontrasse uma pedra com estilo de maracá, então ele ia ser um baya. E todos as manhãs eles faziam isso. Outra metodologia, era quando eles, já formados e com o tempo, inalavam o pariká, e eles entravam em transe e cantavam, é aí que entendiam que o universo metafísico tinha várias camadas, pois através deste canto eles adentravam em vários espaços, dentro deste universo. Kumu Luciano Barreto me contava, que meu avô colocava uma cuia vazia no meio da maloca, e ele falava para todas as pessoas que estavam ali que olhassem para dentro da cuia, pois naquela vasilha não tinha nada. Então conforme Kuriano Yai ia cantando, a cuia ia enchendo do produto karajuru, pois era um produto

que ele trazia do sonho durante a noite, do mundo metafísico. E quando a cuia já estava cheia, as pessoas que estavam ali, usavam para pintura corporal. Quando concluía a formação das três especialidades, este dia tinha uma grande festa, pois os meninos de 11 e 12 anos, eles já saíam sabendo benzer, quem fosse kumu, já saíam com dom de yai e de baya. E aí estas crianças eram entregues novamente aos seus pais, e muitos deles também já mostravam a sua produção de artesanato, por exemplo, o banco tukano, e entregavam aos seus familiares, Era um momento de alegria, de emoção, de comemoração. E o Kuriano Yai dizia assim, como última lição: 'a partir deste momento, vocês vão voltar para os seus familiares, e vocês podem fazer barssessé, bayassé, e nunca neguem quando forem chamados para esta missão, nunca digam não, e nunca cobrem, qualquer hora que forem chamados, vocês atendam'. Ele não dizia em público, mas ele dizia aos seus mais próximos quem seria isto ou aquilo, ou quem não seria isto ou aquilo. Por isso o Kumu Luciano Barreto vem com esta leitura, de que a pessoa não escolhe o barssessé, mas é o barssessé que escolhe a pessoa. E foi assim que ele se formou, e isso deu continuidade através do seu filho Kumu Luciano. Então se chegamos a este nível, é porque esta formação continuou através do meu avô Kuriano Yai. (Rivelino Barreto, Manaus, 25 de janeiro de 2023)

Considerações Finais

Questões envolvendo intelectualidade indígena exige a compreensão, a princípio, da seguinte distinção: intelectualidade indígena é diferente do tipo de intelectualidade que costumamos ouvir ou pensar no contexto acadêmico urbano. Mas para isso, para esse diálogo com a intelectualidade indígena é preciso antes se despirmos das amarras epistemológicas que ainda perduram dominantes em nossas mentes não indígenas. Contudo, a distinção da intelectualidade indígena permite fazermos um novo alcance para o aspecto da epistemologia indígena, das teorias indígenas, dos conceitos indígenas que precisam cada vez mais serem ouvidas e integradas para o diálogo e acesso formativo do ser e da humanidade pelos nossos conceitos sociais, culturais e educacionais urbanos.

Referências

BARRETO, João Paulo; AZEVEDO, Dagoberto Lima; MAIA, Gabriel Sodré; SANTOS, Gilton Mendes dos; DIAS JR, Carlos Machado; BELO, Ernesto; BARRETO, João Rivelino Rezende; FRANÇA, Lorena; **Omerô: constituição e circulação de conhecimentos yepamahsã (Tukano)**. Manaus: Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI)/Universidade Federal do Amazonas/EDUA, 2018.

BARRETO, João Rivelino Rezende. **Formação e transformação de coletivos indígenas do noroeste amazônico: do mito à sociologia das comunidades**. Manaus: EDUA, 2018. (Coleção Reflexividades Indígenas).

BARRETO, João Rivelino Rezende. **Úküsse**: formas de conhecimento nas artes do diálogo tukano. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022. (Coleção Brasil Plural).

LASMAR, Cristiane. **De volta ao lago de leite**: gênero e transformação no Alto Rio Negro. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora UNES:ISA/NUTI, 2005.